

A CRÔNICA de Rubem Braga

DESPRÊZO

CENAS de nervosismo no cais, crianças e mulheres chorando, uma querendo se jogar n'água: pela terceira vez as famílias se despedem dos pracinhas que vão partir para Suez. Antes houve duas despedidas, mas o navio não saiu.

Não é a primeira vez que acontece essa comédia: despedidas, abraços, beijos, lágrimas, todos a bordo, tudo pronto — e nada. Assim foi também por ocasião da partida de outro contingente para Suez. Explicação: o Ministério da Fazenda não entregou a tempo o dinheiro necessário.

De quem a culpa: do Exército, da Marinha, da Fazenda? Não se sabe. O fato é que essa triste palhaçada se repetiu — e desta vez se repetiu duas vezes. Não seria melhor marcar a hora da partida depois de estar tudo providenciado, inclusive os dólares? Não temos governo suficiente para organizar com tranqüilidade uma operação de embarque vulgar? A administração pública não pode ser feita dos três patetas, em que tudo é atropelo e desencontro, e cada um faz tolice para seu lado. Será o caso de picuinhas entre autoridades civis e militares ou simples desídia, ou mera incompetência?

A verdade é que ninguém pensa na aflição dessas pobres famílias, no desconforto sentimental dessas falsas partidas, no dispêndio nervoso inútil desses pracinhas mortificados em um navio paralisado no cais, porque um burocrata não se entendeu bem com outro burocrata e quis mostrar que mandava mais do que êle. Tudo isso é apenas desprêzo pela humanidade, de quem não está ligando para o sentimento alheio. As famílias que voltam amanhã, se quiserem; a hora da partida é tal; e as famílias voltam, Deus sabe de que lonjuras, para novamente se repetir a comédia.

Não, o caso não é grave em si mesmo. Afinal, os rapazes partiram, e que façam boa viagem. O que me parece grave é êsse desgoverno que se mostra incapaz de coordenar os atos mais simples e não se importa de causar transtornos à gente do povo — êsse gado estranhamente manso que é a gente do povo do Brasil.